

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

Maratona de museus

Os 175 museus de Berlim são como a cidade, cosmopolitas e acolhedores. Berlim não tem um museu enciclopédico, mas vários museus importantes divididos por períodos e coleções específicas. “Uma cultura que inventou a História da arte como disciplina humanista teria que ter museus e coleções memoráveis em sua capital”, me disse Luiz Camillo Osorio, curador do MAM/RJ, professor e crítico de arte, em uma de suas recentes viagens a Berlim. Sempre que a gente se encontra, ele tem uma nova dica para dar. Camillo será o meu guia nesta coluna. Ele conhece os museus berlinenses como a palma de sua mão. Sobre alguns, ele é capaz de lembrar a disposição dos quadros em determinadas paredes, salas e coleções. Uma memória mais do que fotográfica.

Mesmo morando aqui há tantos anos, é difícil organizar tempo para fazer turismo em museus, e, por isso, esse tipo de programa acaba ficando para escanteio. Comprei um “passe livre” por € 19, válido por três dias em 60 museus, e saí em campo.

Para seguir uma ordem cronológica, o ponto de partida é a Ilha dos Museus. Comecei pelo Neues Museum, reinaugurado em 2009 com um projeto fantástico do arquiteto britânico David Chipperfield. Foram 11 anos em obras e 70 com as portas fechadas. Sobre seu acervo de nove mil peças da antiguidade e onde se encontram o Museu Egípcio e a Coleção de Papiros, Camillo comentou: “Segundo nosso embaixador no Egito, Cesário Melantonio, especialista no assunto, é a melhor coleção egípcia fora do Cairo, incluindo a magnífica Nefertite e vários ateliês encontrados em sítios arqueológicos e transportados inteiros para o museu.” Este novo museu é uma maravilha. Seu espaço mais emblemático é a Grande Sala das Escadarias, onde Chipperfield manteve apenas as paredes em tijolo aparente e a forma da escada, sem reproduzir a decoração do projeto original. Ao entrar nessa sala, o visitante se depara com as dimensões impressionantes do ambiente.

No Pergamonmuseum se pode ver o “templo transplantado” e as coleções de arte antiga tão importantes para o imaginário do romantismo alemão. Para não ter de fechar, o museu está sendo reformado por partes. No momento, é justamente a ala onde está o Altar de Pergamon que está interdita. Uma pena!

Tomei um café para dar um salto no tempo e entrei na Alte Nationalgalerie para ver as obras recomendadas por Camillo: a sala de Gaspar David Friedrich, os belos Courbet e Manet, inclusive um lindo quadro de dois aspargos. Detalhe que poderia passar despercebido, mas não para quem segue as indicações de um conhecedor.

Depois parei para almoçar e fui em direção a Potsdamer Platz visitar a Gemäldegalerie, que fica entre os belos prédios da Filarmônica e da Neue Nationalgalerie. Os diversos museus que ali se reúnem formam o Kulturforum. Nos quase dois quilômetros de percurso da Gemäldegalerie retomei o fio da História, indo do final da Idade Média ao Neoclassicismo. O Camillo adora este museu: “Uma coleção magnífica e que tem a rara virtude de mostrar com obras de qualidade tanto o que se passou na Europa do norte como na Europa mediterrânea (Itália), em especial entre os séculos XIV e XVI”, contou. Entre um Botticelli e outro maravilhoso Masaccio, Camillo recomendou uma pausa na sala dedicada a

Rembrandt. Uma joia. Dali, siga para a Neue Nationalgalerie, que está mostrando o seu rico acervo de clássicos modernos com foco no período de 1900 a 1945. A exposição abriu em março e fica ainda um ano em cartaz.

No dia seguinte, com bateria recarregada, fui ao Hamburger Bahnhof, o monumental museu de arte contemporânea inaugurado em 1996. O espaço é gigantesco. É uma antiga estação de trem com 13 mil metros quadrados para exposições de artistas do calibre de Beuys, Warhol, Cy Twombly e Bruce Nauman, que esteve em cartaz até o mês passado com a exposição “Dream passage”.

Este é o tipo do museu que deve ser visitado com calma. Vale a pena passar ali toda a manhã, comprar livros e almoçar no restaurante, que é muito simpático.

Meu próximo destino é Charlottenburg, do outro lado da cidade. Peguei um táxi, para ter tempo de ver dois pequenos museus. O primeiro é a Coleção Berggruen, concentrada em Picasso, Matisse, Klee e Giacometti. Como Berggruen era um galerista muito amigo de Picasso e com um olho agudo, montou uma coleção deslumbrante do artista

espanhol, percorrendo toda a sua longa trajetória. No terceiro andar vi uma exposição de Paul Klee, uma obsessão do colecionador.

A história de Heinz Berggruen merece destaque. Judeu, emigrou em 1936 para os EUA. Em 1947 vai para Paris, abre uma galeria e logo se estabelece como *marchand*. Ele desiste da galeria em 1980 para se concentrar na sua coleção com mais de cem obras de arte do século XX, avaliada em € 1,5 bilhões. As preciosidades de Berggruen foram expostas em Londres durante cinco anos, até que chegaram a Berlim em 1996. A coleção foi adquirida em 2000 pelo Estado alemão a preço simbólico de € 129 milhões. A venda foi um “gesto de reconciliação”. O sr. Berggruen manteve um apartamento no museu, que lhe permitia acesso às obras a qualquer hora. Todos os dias ele costumava dizer “bom dia”, “boa noite” e “durmam bem” para os quadros.

A outra dica era a Coleção Scharf-Gerstenberg, do outro lado da rua. Atravessei a Schloßstrasse, de onde se vê o Palácio Charlottenburg, e lá fui eu. Como o Berggruen, o espaço é pequeno e acolhedor. São 250 obras focadas no surrealismo e suas origens. Passei por Max Ernst, Dali, Miró, uma sala de Dubuffet e outras duas de Klee.

Fiz tudo isso em dois dias intensos, no fim de semana. Adorei rever alguns museus, conhecer novas coleções e descobrir artistas maravilhosos e suas trajetórias. Ufa, genial!

Comprei um
“passe livre”
por € 19,
válido por três
dias em 60
museus, e saí
em campo

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Rodrigo Pinto, de Londres	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso
	Cristina Ruiz, de Berlim		Eduardo Levy, de Los Angeles			